

John Keats. 1795–1821

Arthur Quiller-Couch, ed. 1919. *The Oxford Book of English Verse: 1250–1900*.

Ode on a Grecian Urn

THOU still unravish'd bride of quietness,
Thou foster-child of Silence and slow Time,
Sylvan historian, who canst thus express
A flowery tale more sweetly than our rhyme:
What leaf-fringed legend haunts about thy shape ⁵
Of deities or mortals, or of both,
In Tempe or the dales of Arcady?
What men or gods are these? What maidens loth?
What mad pursuit? What struggle to escape?
What pipes and timbrels? What wild ecstasy? ¹⁰

Heard melodies are sweet, but those unheard
Are sweeter; therefore, ye soft pipes, play on;
Not to the sensual ear, but, more endear'd,
Pipe to the spirit ditties of no tone:
Fair youth, beneath the trees, thou canst not leave ¹⁵
Thy song, nor ever can those trees be bare;
Bold Lover, never, never canst thou kiss,
Though winning near the goal—yet, do not grieve;
She cannot fade, though thou hast not thy bliss,
For ever wilt thou love, and she be fair! ²⁰

Ah, happy, happy boughs! that cannot shed
Your leaves, nor ever bid the Spring adieu;
And, happy melodist, unwearied,
For ever piping songs for ever new;
More happy love! more happy, happy love! ²⁵
For ever warm and still to be enjoy'd,
For ever panting, and for ever young;
All breathing human passion far above,
That leaves a heart high-sorrowful and cloy'd,
A burning forehead, and a parching tongue. ³⁰

Who are these coming to the sacrifice?
To what green altar, O mysterious priest,
Lead'st thou that heifer lowing at the skies,
And all her silken flanks with garlands drest?
What little town by river or sea-shore, ³⁵
Or mountain-built with peaceful citadel,
Is emptied of its folk, this pious morn?
And, little town, thy streets for evermore
Will silent be; and not a soul, to tell

Why thou art desolate, can e'er return. 40

O Attic shape! fair attitude! with brede
Of marble men and maidens overwrought,
With forest branches and the trodden weed;
Thou, silent form! dost tease us out of thought
As doth eternity: Cold Pastoral! 45
When old age shall this generation waste,
Thou shalt remain, in midst of other woe
Than ours, a friend to man, to whom thou say'st,
'Beauty is truth, truth beauty,—that is all
Ye know on earth, and all ye need to know.' 50

ODE A UMA URNA GREGA, DE JOHN KEATS

por Ivo Barroso

Tu ainda inviolada Noiva do Silêncio,
Filha adotiva do Sossego e a Lentidão,
Silvestre historiadora, que exprimir consegues
Um enredo floral mais doce que este canto;
Que lenda engrinaldada em teu redor perpassa
Tecida de deidades ou mortais, ou de ambos,
Junto ao vale de Tempe ou nos vergéis da Arcádia?
Que homens ou deuses são? Que virgens relutantes?
Que afoito perseguir? Que luta na escapada?
Que pífaros e adufes? Que êxtase bravo?

É doce ouvir-se a melodia, inda mais doce
A que não foi ouvida; assim, ó suaves frautas,
Plangei; não para o ouvido sensorial, mais caras
Tocai para a nossa alma as músicas sem som:
Ó jovem sob as árvores, não soltarás
Jamais teu canto e nem os ramos suas folhas.
Ousado amante, nunca, nunca hás de beijar
Embora rente de teu alvo — não lamentos;
Ela assim ficará, e embora sem fruí-la,
Amarás para sempre essa beleza eterna!

Ditosos ramos, sim, ditosos porque nunca
Ireis secar, nem dar adeus à Primavera;
E tu, afortunado melodista, isone
Hás de entoar canções eternamente novas.
Amor, feliz amor! Feliz mais do que tudo!
Sempre ardente e no entanto sempre indesfrutado,
Sempre à beira da entrega e sendo sempre jovem,

A exultar de paixão humana e transcendente
Que deixa o coração amargurado e oprimido,
As temporas em fogo e a boca ressequida.

Quem estes que chegando estão para o holocausto?
A que viride altar, o sacerdote ignoto,
Conduzes um novilho para os ceus mugindo
E o suave flanco inteiro de festões ornado?
Que povo ribeirinho ou junto ao mar que aldeia,
No monte que casal, tal um bastião tranquilo,
Vazio despertou nesta manhã piedosa?
Ah! vilarejo, as tuas ruas para sempre
Desertas estarão; viv'alma por dizer
De tal desolaçoã hã de tornar jamais.

Ática forma! Sobria atitude! em guirlandas
De mármore, donzelas e varões enleias
Com ramos da floresta e o joio espezinhado;
Tu, forma silenciosa, abalas-nos a mente
Qual faz a eternidade: o fria Pastoral!
Quando esta geraçoã o tempo houver tragado,
Tu permanecerás em meio de outras queixas,
Amiga do homem, a quem dirás: “A beleza
É verdade, a verdade beleza” – isto é tudo
Que sabemos na terra e que importa saber.

ODE SOBRE UMA URNA GREGA

Traduçoã de Augusto de Campos

I

Inviolada noiva de quietude e paz,
Filha do tempo lento e da muda harmonia,
Silvestre historiadora que em silêncio dás
Uma liçoã floral mais doce que a poesia:
Que lenda flor-franjada envolve tua imagem
De homens ou divindades, para sempre errantes.
Na Arcádia a percorrer o vale extenso e ermo?
Que deuses ou mortais? Que virgens vacilantes?
Que louca fuga? Que perseguiçoã sem termo?
Que flautas ou tambores? Que êxtase selvagem?

II

A musica seduz. Mas ainda é mais cara
Se não se ouve. Dai-nos, flautas, vosso tom;
Não para o ouvido. Dai-nos a cançoã mais rara,

O supremo saber da música sem som:
Jovem cantor, não há como parar a dança,
A flor não murcha, a árvore não se desnuda;
Amante afoito, se o teu beijo não alcança
A amada meta, não sou eu quem te lamente:
Se não chegas ao fim, ela também não muda,
É sempre jovem e a amarás eternamente.

III

Ah! folhagem feliz que nunca perde a cor
Das folhas e não teme a fuga da estação;
Ah! feliz melodista, pródigo cantor
Capaz de renovar para sempre a canção;
Ah! amor feliz! Mais que feliz! Feliz amante!
Para sempre a querer fruir, em pleno hausto,
Para sempre a estuar de vida palpitante,
Acima da paixão humana e sua lida
Que deixa o coração desconsolado e exausto,
A fronte incendiada e língua ressequida.

IV

Quem são esses chegando para o sacrifício?
Para que verde altar o sacerdote impele
A rês a caminhar para o solene ofício,
De grinalda vestida a cetinosa pele?
Que aldeia à beira-mar ou junto da nascente
Ou no alto da colina foi despovoar
Nesta manhã de sol a piedosa gente?
Ah, pobre aldeia, só silêncio agora existe
Em tuas ruas, e ninguém virá contar
Por que razão estás abandonada e triste.

V

Ática forma! Altivo porte! em tua trama
Homens de mármore e mulheres emolduras
Como galhos de floresta e palmilhada grama:
Tu, forma silenciosa, a mente nos torturas
Tal como a eternidade: Fria Pastoral!
Quando a idade apagar toda a atual grandeza,
Tu ficarás, em meio às dores dos demais,
Amiga, a redizer o dístico imortal:
“A beleza é a verdade, a verdade a beleza”
— É tudo o que há para saber, e nada mais.

ODE A UMA URNA GREGA

Trad. livre: Leonardo de Magalhaens

I

Tu, ainda intacta noiva da quietude
Tu, filha adotada do silêncio e da demora
Historiadora selvagem, que podes então expressar
Uma estória florida mais suave que nossa rima:
Que legenda folheada assusta tua forma
De deuses ou mortais, ou de ambos,
no Tempo ou os vales da Arcádia ?
Que homens ou deuses são estes? Que donzelas inertes ?
Que louca caçada ? Que luta para escapar ?
Que flautas e tamborins? Que êxtase selvagem ?

II

Melodias ouvidas são suaves, mas as não ouvidas
São mais suaves; assim, tocai as melódicas flautas;
Não ao ouvido sensual, porém, mais queridas,
Flauta ao espírito, cantigas sem tom:
Bela juventude, sob as árvores, não podeis deixar
Tua canção, nem podem as árvores desfolhadas;
Amante audaz, nunca, nunca, podeis beijar,
Embora alcançando o alvo – ainda não lamente;
Ela não mingua, embora não tenhas teu gozo,
Para sempre desejais amar, e ela será bela!

III

Ah felizes, felizes ramos! Que não podeis soltar
Vossas folhas, nem mesmo a Primavera dizer adieu;
E, feliz melodista, incansável,
Para sempre tocando canções sempre novas;
Felicíssimo amor! Mui feliz, feliz amor!
Para sempre quente e ainda para gozar,
Para sempre arfante, e para sempre jovem;
Toda ofegante paixão humana elevada,
Que deixa um peito magoado e pesaroso,
Uma frente ardente, e uma língua árida.

IV

Quem são estes chegando ao sacrifício ?
Ao verde altar, ó misterioso sacerdote,
Trazes esta novilha a mugir aos céus,
E os quadris vestidos com grinaldas ?
Que aldeia à beira-rio ou beira-mar,
Ou pacífica fortaleza erguida no monte,
Está vazia de pessoas, nesta piedosa manhã ?
E, aldeia, tuas ruas para sempre
Serão silentes; e não uma alma a dizer

Porque estás desolada, poderá voltar.

V

Ó forma grega! Formoso gesto! Com crias
De mármore homens e donzelas feitos,
Com ramos da floreta e ervas amassadas;
Tu, forma silente, deixa-nos fora da razão
Como faz a eternidade: Fria Pastoral !
Quando a velhice a esta geração destruir,
Permanecerás, em meio a pesares além
Dos nossos, uma amiga ao homem, a quem dizes,
Beleza é verdade, verdade é beleza, - eis tudo
O que sabeis aqui, e tudo o que precisais saber.